

EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA
E DA SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO, DE SÃO PAULO

SUMMARIO:

DR. MIGUEL COUTO	A Educação e a Saude	105
(Professor na Universidade do Rio de Janeiro, Presidente honorario da A. B. E.)		
DR. CARLOS DA SILVEIRA	A Necessidade do Estudo da Lingua Materna	116
(Inspector-fiscal da Escola Normal Livre annexa ao Collegio Santa Ignéz desta Capital)		
DR. ORLANDO FONSECA	Uma Pagina de Tacito	127
(Prof. do Lyceu «Franco-Brasileiro» e da Escola de Commercio «Alvares Penteado»)		
DR. A. DE SAMPAIO DORIA	Educação Moral - Concepção Moral	138
(Prof. na Faculdade de Direito de São Paulo)		
PROF. THEODORO DE MORAES	Escolas Normaes Livres	148
(Inspector-fiscal da Escola Normal Livre annexa ao Collegio de N. S. do Amparo)		
DR. A. C. PACHECO E SILVA	Hygiene do Espirito	154
(Director do Hospital de Juquery)		
PROF. ANT. FIRMINO DE PROENÇA	Sciencias Naturaes	162
(Director do Gymnasio do Estado, de Campinas, em commissão no cargo de Inspector Geral de Escolas)		
DR. PAULO MARANHÃO	Escola Activa	167
(Inspector Escolar no Districto Federal)		
DR. VEIGA MIRANDA	A Educação individual e a Educação collectiva.	173
(Director do Gymnasio do Estado da Capital)		
DR. FAUSTO GUERNER	Hygiene mental na infancia	187
(Medico do Hospital de Juquery)		
DR. TOBIAS MOSCOSO	Inquerito sobre o problema universitario brasileiro.	197
(Da A. B. E.)		
GERONYMO MONTEIRO FILHO	Os meios modernos de communicação	215
(Da A. B. E.)		
PROF. ARTHUR DE C. GONÇALVES	O espirito do ensino de Geographia moderna	235
(Prof. de Geographia na Escola Normal de Guaratinguetá)		
PROF. RA ALICE MEIRELLES REIS	Material para Jardim de Infancia	241
(Do «Jardim da Infancia» annexo á Escola Normal da Capital)		
	A Educação no Chile	244
PROF. MARCILIO MENDES	A vocação nas artes	251
(Do Conservatorio Dramatico e Musical)		
Mlle. M. BATTS	A actividade do «Bureau Internacional d'Education»	260
Secretaria geral do B. I. E.		

ATRAVEZ DOS LIVROS — José Ferraz de Campos (Calculo dos principiantes) — **ATRAVEZ DAS REVISTAS E JORNAES** — Conferencia sobre «Hereditariiedade» — O utilitarismo no ensino — Segunda conferencia nacional de Educação — Primeira semana brasileira de Educação — Reorganização das Universidades Espanholas — Reforma e desenvolvimento da Paiz do Soviets — O ensino no Estado da Bahia — A Ilha de Ceylão — Casas de Campo Escolares — A explicação sociologica em psychologia — A Escola Russa — O Evangelho do Trabalho — A festa das arvores nas Escolas de S. Paulo.

Dr. Paulo Maranhão
Inspector escolar no Districto Federal

O PROGRAMMA

Tratando-se de organizar um programma, o que importa é reunir um conjunto de noções que não só se prestem para o ensino propriamente, como, e sobretudo, sirvam de meio para exercitar harmonicamente as diversas faculdades da criança, preparando-a para compreender as grandes leis da vida e da natureza e pondo ao seu alcance as riquezas scientificas e artisticas, accumuladas pelas gerações passadas.

Um duplo problema se apresenta, então: 1.º — saber o que todas as crianças, do mundo inteiro, não devem ignorar; 2.º — quaes os conhecimentos que maior attracção exercem sob e ellas.

Em resposta á primeira questão, pode-se affirmar que o que a criança deve conhecer em 1.º lugar é *ella propria*: seus órgãos, como funcionam e para que servem; como vive (come, respira, bebe, dorme, brinca, trabalha); seus sentidos (como a defendem e auxiliam); como se movem os membros e, principalmente, as mãos (serviços que lhe prestam); porque tem fome, sede, frio, somno e medo; quaes são os defeitos e predicados que possui (egoismo, orgulho, inveja, preguiça, desmazelo, amor proprio, coragem, lealdade, perseverança, previdencia etc.).

A esses conhecimentos, um outro se segue, logicamente: o conhecimento do meio em que vive a criança.

Quanto á segunda questão, são as necessidades da criança que constituem os mais importantes centros de interesse para ella, bem como tudo o que a sociedade e a natureza (seres vivos ou brutos) lhe possam apresentar, para sua satisfação. Não é preciso salientar a importancia capital da *dosagem*, na ministração dos conhecimentos.

Ora, o que acima ficou dito já se encontra nos actuaes programmas, mas constituindo peças soltas, desarticuladas.

O ideal da escola activa é criar um laço, estabelecer uma relação entre todas as materias, fazendo-as convergir ou divergir dum mesmo centro: a criança. (E' o que se chama *anthropocentrismo*).

Para chegar a esse fim, as noções que se enquadrem nos diferentes centros de interesse devem ser desenvolvidas, tendo-se em vista as tres phases da actividade mental: 1.^a — recepção ou impressão (causada por objectos concretos que affectem os sentidos: donde a *Observação*); 2.^a — elaboração (à custa de material abstracto, recordações, textos, etc. que induzam a criança a comparar e a generalizar, a classificar e a raciocinar, emfim: a *associar* cada novo conhecimento ás aquisições já feitas e ás suggeridas pelo mestre ou por vistas cinematographicas, figuras, leituras, etc. — é o trabalho de *Associação*) 3.^a — *Expressão* (manifestação do pensamento, quer por meio de trabalhos manuaes, desenho inclusive, quer pela linguagem falada ou escripta).

Nota — Os exercicios de Observação, Associação e Expressão não se excluem uns aos outros; não é possível, com effeito, evitar, por occasião dum exercicio de observação, que a imaginação e a expressão intervenham, bem como é impossível impedir o concurso da observação e da associação, quando se realiza um trabalho de expressão.

A sub-divisão das materias do programma nesses tres ramos (Observação, Associação e Expressão) visa apenas indicar, bem claramente, as principaes noções a tratar, dentro do centro de interesse ou de idéas, em questão.

O METHODO

O methodo visa a maneira de distribuir as materias do programma e o modo de ministra-las ás crianças, attendendo-se ás aptidões e á capacidade mental destas.

Para a distribuição das materias, o principio fundamental consiste em grupar ou associar as noções, de modo que todas as actividades do espirito concorram para a aquisição das mesmas, o que se obtem adoptando o methodo dos centros de interesse ou de idéas. Estes podem ser inspirados pelo programma ou por um facto qualquer que desperte o interesse da criança e venha a constituir um centro occasional.

O ponto de partida são os exercicios de observação, base racional de todos os outros exercicios.

PRATICA DO METHODO

OBSERVAÇÃO — Compreende os exercicios que têm por fim pôr a criança directamente em contacto com os objectos, os seres, os phenomenos, os acontecimentos (por meio dos sentidos).

As lições de cousas muito se approximam desses exercicios, não preenchendo, porém, integralmente, os fins destes, do mesmo modo que a observação á vista de animaes empalhados, plantas disseccadas, quadros ou desenhos é insufficiente, por faltar-lhes a natureza em seus verdadeiros aspectos, muito mais uteis e interessantes para a criança.

Portanto, não é possível a observação sem objectos, seres, factos, emfim, sem o contacto directo com a realidade.

Quanto ás gravuras, quadros, animaes empalhados, etc. (Museu), empregam-se nas recapitulações, sendo, porém, preferiveis os desenhos feitos opportunamente pelas crianças; os animaes, as plantas, os mineraes colleccionados por ellas; os objectos confeccionados na classe ou em casa; emfim, tudo em que tiverem collaborado activamente.

O professor deve estabelecer previamente os centros de interesse, afim de reunir o material de que necessite.

Nas classes elementares, em que a observação tem a maior importancia, os centros de interesse podem ser inspirados pela natureza, pelo meio em que vive a criança, pela escola ou por qualquer acontecimento fortuito, capaz de constituir um centro de idéas. Nesse caso, o material é facil de obter.

Ainda assim, o melhor seria que, em cada escola houvesse animaes e plantas, aos quaes pudessem as crianças prodigalizar cuidados, ao mesmo tempo que os observassem e lhes seguissem o desenvolvimento.

Esse material dará lugar, diariamente, a exercicios occasionaes de observação seguidos de modelagem, desenho, etc.

Haverá tambem material inerte, representado por objectos diversos, arrançados ou fabricados pelos alumnos, opportunamente. Taes objectos, quando comparados segundo as affinidades ou differenças, com os já observados (applicação dos enveloppes) darão ensejo a que se esclareçam a origem e a utilidade das cousas.

Para os principiantes, basta separar esses objectos em tres grupos, conforme se derivem de animaes, plantas ou

mineraes. Cada novo objecto será estudado em comparação com os que já forem familiares ás crianças (enveloppes).

COMO ORGANIZAR UM EXERCICIO DE OBSERVAÇÃO

Primeiramente, é necessario despertar o interesse da criança e estimulá-lo, o que se consegue com uma historia, um a^m mysterioso, um embrulho cuidadosamente feito, etc. Tratando-se de objectos muito communs, que a criança julgue conhecer bastante, como o chapéu e a botina, é preciso excitar-lhe o interesse com perguntas como estas: Qual o mais pesado? O chapéu deixa passar a luz? E a botina? Por que se engraxa a botina e não o chapéu? Que ha de comum entre a botina e o chapéu? (Origem). Se o chapéu cahir nagua, como fica? (molhado, pesado, deformado, muda de côr, etc.).

Pelas respostas, o professor pode aferir o que as crianças já sabem e as lacunas existentes. Estas podem ser apenas quanto ao vocabulario (convindo, então, multiplicar os exercicios de expressão) ou patentear completa ignorancia do assumpto; neste caso, será preciso mostrar, fazer pegar, experimentar, comparar, salientando as differenças e analogias, etc. (recorrer aos enveloppes, cujo conteudo pode servir para illustrar os cadernos, preparar jogos, compor quadros, etc.). Exemplos: Os pellos do cão são finos como...; resistentes como...; têm a côr de... etc. O bico da gallinha é duro como...; os ovos da gallinha são maiores que os de... e menores que... A gallinha não canta como o... nem vôa como o... e o... etc.

Esses exercicios visam a observação e a expressão. A' observação, ou melhor, á comparação, se acha ligado o calculo.

ASSOCIAÇÃO — Consiste em exercicios para os quaes o contacto directo com a realidade não mais é indispensavel, mas que permitem ao professor avaliar a quantidade de conhecimentos dos alumnos, inclusive quanto ao vocabulario.

Divide-se em quatro grupos principaes:

- 1.º — exercicios de associação no *espaço* (abrangendo a geographia e a civilização actual);
- 2.º — exercicios de associação no *tempo* (pelos quaes o mesmo assumpto é tratado em relação a diferentes epochas,

recorrendo-se á documentação encontrada nos museus, al-buns, revistas, cinema e bibliotheca da escola, etc.; abrange a historia);

3.º — exercicios *technologicos* de associação ou de apropriação ás necessidades do homem (são as applicações industriaes, domesticas, hygienicas, etc. das materias primas ou seus derivados);

4.º — exercicios de associação de *causa e effeito* baseados nas noções adquiridas por observação e nos demais exercicios de associação (para explicar o *como* e o *porque* das cousas). Exemplos: O ar é indispensavel á vida porque... O aves-truz é ave que não vôa porque... A invenção das rodas contribuiu para o progresso geral, porque... Os metaes só podem ser trabalhados a fogo, porque...

EXPRESSÃO — Compreende tudo o que permite traduzir o pensamento de maneira accessivel aos outros: a linguagem falada e a escripta, o desenho e os trabalhos manuaes (estes quando em relação com a idéa que se tente materializar).

A expressão é inseparavel dos outros exercicios. O desenho deve sempre vir ligado ao centro de interesse e aos diversos exercicios de observação e associação.

Pode o mestre desenhar, inspirando-se, de preferencia, no trabalho dos alumnos e aproveitando a occasião para corrigir certas falhas, sobretudo, as de proporção e logica.

Em resumo:

Para as falhas e deficiencias apontadas em os actuaes programmas, suggere a escola activa os recursos que se seguem, expostos em cotejo com os referidos defeitos:

DEFEITOS

- 1.º — Pouca ou nenhuma relação entre as diferentes actividades da criança.
- 2.º — Poucas noções de real interesse para a criança.
- 3.º — Excessivas lições e exercicios sobre themas absolutamente diversos, sem attender ao processo da actividade mental.
- 4.º — Noções superiores á capacidade de assimilação e memoria da maioria dos alumnos.
- 5.º — Predominio de noções dadas apenas verbalmente.
- 6.º — Falta de exercicios que permittam a actividade pessoal e espontanea da criança.

MEIOS DE SUPPRIR-LOS

- 1.º — Adopção de um programma de idéas associadas, visando a criança e o meio.
 - 2.º — Emprego do methodo dos centros de interesse.
 - 3.º — Minистраção da materia do programma attendendo ás grandes funções psychologicas: observação, associação e expressão.
 - 4.º — Dosagem da materia, de accôrdo com os diversos grupos estabelecidos.
 - 5.º — Preferencia dispensada aos methodos intuitivos e activos.
 - 6.º — Actividade pessoal, pelos trabalhos manuaes (em relação com os centros de interesse) e jogos educativos.
- Com o programma aqui preconizado, a escola prepara a criança para a vida em geral.

Nota — Com a publicação do trabalho acima (resumo e adaptação dos melhores livros sobre o assumpto tratado) pretende a Inspectoria Escolar do 2.º Districto prestar um auxilio ao professorado primario, empenhado na grande obra de renovação educacional, que a lei Fernando de Azevedo fixou em bases racionaes e directrizes modernas.